

Espanতোল foręa mental

A arte de dominar

MARAVILHOSOS RESULTADOS APRESENTADOS
PELA COMISSÃO ENCARREGADA DO ESTUDO DO HYPNOTISMO EM BENEFICIO DO PUSLICO

O Hypnotismo nŁo ę mais um mytho, uma creaęŁo imaginaria do espirito, mas sim uma realidade, uma foręa capaz de fazer um bem immenso. No intuito de averiguar o valor e acto de tŁo decantada foręa, formou-se uma comissŁo composta de um medico, um jurisconsulto bem conhecido, um proeminente membro do clero e um director do caminho de ferro, a fim de estudar o Hypnotismo.

A comissŁo fez uma serie de investigaęŁes sobre a influencia que o Hypnotismo exerce sobre todos os acontecimentos diarios. O primeiro cuidado dos membros da comissŁo foi estudar aprofundadamente a sciencia do Hypnotismo, de modo a ficarem

aptos a julgar por experiencia propria o bem e o mal que poderia fazer tŁo poderosa foręa. Escreveram ao New-York Institute of Sciencias depts^o 1518 de Rochester. N. Y. a mais importante escola de hypnotismo e sciencias occultas do mundo; e receberam instrucęŁes completas e detalhadas sobre o modo de empregar o Hypnotismo, como influencia para os negocios, como remedio para os doentes, etc., etc. Em poucos dias, os membros da comissŁo sabiam a fundo a sciencia do Hypnotismo, tornando-se mestres n'essa arte.

Demonstrou-se claramente que o Hypnotismo pode ser empregado de tal modo que a pessoa hypnotisada ignora completamente o que foi. Feitas todas as consideraçŁes, a comissŁo julgou este facto como a mais valiosa descoberta contemporanea. O seu conhecimento ę essencial ao bom exito na vida, e ao bem estar na sociedade.

O dr. Lincoln, diz, depois de um estudo aprofundado da materia, que julga este facto um dos maravilhosos therapeuticos ou curativos dos tempos modernos.

O juiz, dr. Schafer, apesar de ser uma capacidade juridica, experimentou servir-se d'este meio para curar doentes, e em poucas secçŁes curou John E. Myers, de Flemington, N. Y. de uma molestia exquisita, que o impedia de almoęar havia nove annos, a qual, na opiniŁo dos medicos, seria a causa da sua morte. A fama do juiz Schafer alargou-se, e centenas de doentes vieram procural-o.

O Sr. Stouffer poz em execuęŁo o facto extraordinario de hypnotisar Mr. Cuningham, de Pueblo Colz, a distancia de alguns quarteiros de casas; hypnotisou igualmente um individuo edo, obrigando-o a correr pelas ruas, gritando: «Vende-se amendoim torrado». A opiniŁo do Sr. Stouffer ę que o hypnotismo ę indispensavel para o bom successo dos negocios.

Diz o Rev. Weller que todos os membros do clero e todas as mŁes de familia devem aprender o Hypnotismo, em beneficio das pessoas com as quaes estŁo em contacto diario.

Falando d'essa foręa maravilhosa, diz o Sr. Eliot, presidente do collegio Haward, dirigindo-se aos alumnos: «Meus senhores, existe em cada um de vŁs um poder subtil, uma foręa latente; poucos d'entre vŁs tem desenvolvido essa foręa, a qual, entretanto, pode tornar-vos irresistiveis. Essa potencia chama-se Magnetismo individual ou Hypnotismo. Aconselho-vos a desenvolver-a.»

O New-York Institute of Sciencia acaba de publicar

um novo exemplares de um livro que ensina todos os segredos d'esta foręa; maravilhosa, formando assim hypnotisadores praticos, de modo a poderem empregar essa foręa, sem que ninguem o perceba. EstŁo ao alcance de qualquer pessoa, e o successo ę garantido.

Acha-se incluída no livro uma lista dos membros da comissŁo; e elle serŁ enviado gratuitamente a quem o pedir. Um simples bilhete postal, indicando o nome e endereęo, ę sufficiente. O porte das cartas para a America ę de 30 rŁs, os bilhetes postaes sŁo de 20 rŁs. NŁo percam tempo, escrevam hoje mesmo.



Deutor G. S. LINCOLN. Medico 301, Crutchfield St; Dallas, Tex:



F. H. STOUFFER, Secretario e thesoureiro da AssociaęŁo dos conductores dos Caminhos de ferro.



Juiz HENRY SCHAFER Flemington, N. Ya



Rev. PAULO WELLER Gorham, N. Y.

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas



Marca ingleza, as mais solidas e elegantes desde 22500 rs. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. ultimos modelos, Bicycletas inglezas Radford, modelo especialmente feito para a nossa casa, muito solida, propria para aluguel, com quadro reforęado, aros nickelados, roda livre, guarda lamas e 2 travŁes, preęo 32000 rŁs. Enorme sortimento de accesorios tais como protectores Continental, Dunlop, Coventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preęos barattissimos. GRANDE DEPOSITO das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes arrebamos de receber lindissimas collecçŁes. Casa Simplex Bicycletas, Discos e Machinas falantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua do Socorro, 48 e Rua de Santo AntŁo, 32 e 34 - LISBOA.

Farinha lactea
PREęO 400 RŁS

Nestlé

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na ExposięŁo Agricola de Lisboa. *****

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D. FRANCK

Contra FALTA de APPETITE — PRISŁO de VENTRE
OBSTRUęŁO — ENXAQUECA — CONGESTŁES
SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomŁo nas refeiçŁes e excitŁo o appetito.
Exijam a Etiqueta junta em 4 CŁres. c
T. LEROY, 36, Rue d'Amsterdam, Paris e todas Pharmacias.

UMA FAMÍLIA DE ROUXINHOES



Mignon Nevada

Que com tanta desenvoltura e tanta graça cantou em S. Carlos a parte de Rosina do *Barbeiro de Sevilha*

Para o recente successo das audições do *Barbeiro de Sevilha*, em S. Carlos, em grande parte concorreu a presença em scena de Mignon Nevada, a mais travessa Rosina que desde ha muitos annos tem cantado em Lisboa o *spartito* admiravel de Rossini. Loura, d'esse louro desbotado de estriga, em que degenerou na America o louro dos anglo-saxões e dos germanicos, com uma pelle que é um setim cõr de rosa, de uma frescura de flõr apenas desabrochada, discretamente linda o bastante para que não se torne necessario falar da sua belleza, essa creaturinha de dezoove annos, em todo o esplendor da mocidade, não tendo perdido ainda as agi-lidades da creança e tendo já da mulher todas as perturbantes seducções, representa o typo ideal da traquina pupilla de *D. Bartholo*, e não nos lembramos de outra, que tanto como ella merecesse a paixão romantica do conde de *Almaviva*, entre tantas Rosinas que temos visto.

Mas esse rouxinol, que acaba de cantar em Lisboa e cujos gorgeios em breve nenhum empresario de S. Carlos poderá talvez dar-se ao dispendioso luxo de pagar, trazia já, ao entrar em scena, um prestigio hereditario. *Filha de rouxinol sabe cantar...* e Mignon Nevada é filha de Emma Nevada, a rival americana da Patti e cujo nome figura, ao lado do da Malibran, no monumento erguido em Napoles á memoria de Bellini.

A actual Rosina encontrou na regencia da orchestra o mesmo grande maestro que em Roma dirigia as recitas celebres do *Barbeiro* com

sua gloriosa mãe, e que, no mesmo theatro, presidiu o anno passado ao seu debute, na mesma opera em que a sua viçosa mocidade tanto faz sobresair a frescura da sua linda voz, atravez d'essas recitas de que hão de falar com saudade os severos e rabujentos *dittanti* de S. Carlos, tão pouco indulgentes para os que principiam, quando não são, como a afilhada de Ambroise Thomas, rouxinoes filhos de rouxinoes.

A *Illustração Portuguesa* faz votos para que a fresca e irrequieta *Rosina* de agora nos volte em breve, senão com a mesma desenvoltura de creança traquina, que tão



pouco tempo basta para amorteecer, com as honras compensadoras d'essas dispendiosas *prima-donnas*, que arruinam as emprezas e unicas que fazem accordar da sua insensibilidade magestosa a plateia inflexivel de S. Carlos. São porém estes votos formulados com escassa esperanza de que sejam cumpridos. Não porque Mignon Nevada não ascenda na sua carreira até ás culminancias que sua mãe attingu, mas porque as orbitas que hoje descrevem as *estrelas* da scena lyrica passam tão longe de S. Carlos, que apenas no seu nascente e no seu ocaso as podemos avistar!

1—Mignon Nevada
na *Barbeiro de Sevilla*



2—Emma Nevada
na *Sonnambula*



3—Emma Nevada
na *Mignon*



O Instituto Internacional de Agricultura



PACE CERES · LAETA · EST

NATIONIBUS
UNIVERSIS
STUDIUM ET OPERAM
CON FERENTIBUS
RES AGRARIA
FELICITER-INTER POPULUS
AUGESCAT

E' esta a inscripção com que nos recebe o magnifico edificio mandado construir na villa Borghese, pelo rei de Italia Victor Manuel, para o Instituto Internacional de Agricultura.

Quiz aquelle chefe d'Estado, intelligente e conhecedor do curso intenso das idéas altruistas e fraternas do nosso tempo, facilitar e dar vulto a uma d'ellas, adoptando a que lhe foi suggerida pelo americano David Lubin.

Quiz não só iniciar a obra mandando edificar um palacio que lhe servisse de séde, mas continuá-la dando-lhe fóros de empreza viavel, pois dos seus rendimentos particulares a dotou com 60 contos de réis annuaes, o que, junto ás cotisações dos paizes adherentes, perfaz, como receita, quantia superior a 200 contos.

Por iniciativa regia se formou, pois, o Instituto Internacional de Agricultura.

A's sessões do seu comité executivo e de assembléa geral

me foi dado assistir em novembro passado, como representante do nosso paiz, juntamente com o conselheiro Mathias de Carvalho Vasconcellos, ministro de Portugal na córte de Roma.

O Instituto Internacional de Agricultura resume os seus intuitos na indicação dos serviços que estão entregues ás tres seguintes commissões de representantes de varios Estados:

A' primeira commissão compete tratar tudo o que diga respeito ao secretariado geral, a saber: o pessoal, o mobiliario, as finanças, a contabilidade, a bibliotheca, a bibliographia, a recepção e distribuição dos conhecimentos estatísticos e bibliographicos.

A' segunda, estudar, apurar e publicar o mais depressa possivel as informações estatísticas, technicas ou economicas que digam respeito á cultura, á produçáo tanto animal como vegetal, ao commercio dos productos agricolas e aos preços nos diferentes mercados.

Além d'isto communicar aos interessados, com a mesma rapidez, todas as informações a que acima nos referimos.

Compete-lhe ain-





da tornar conhecidas as doenças novas dos vegetaes, que possam vir a apparecer em qualquer ponto do globo com a indicação dos territorios attingidos, a marcha da doença, e, se fôr possível, indicar os remedios efficazes para as combater.

Pertence á terceira commissão informar sobre os salarios da mão d'obra rural e estudar as questões que digam respeito á cooperação, ao seguro e credito agricola nas suas variadas formas. Colleccionar e publicar todos os dados que possam ser uteis, nos diferentes paizes, á organização de emprezas cooperativas, de seguro e credito agricola.

Além d'estas commissões permanentes pode o comité nomear outras especies, quando assim o entender.

Cada commissão pode subdividir-se em sub-commissões.



Salas de recepção e de reunião no palacio do Instituto Internacional de Agricultura

O serviço estatístico e de informações será sustentado por uma verba de despesa telegraphica importantissima.

A lei da divisão do trabalho a que se attendeu na repartição das especialidades technicas deverá ser uma das garantias de feliz exito, pois que só assim se poderão esperar os resultados proficuos d'um trabalho methodico e continuo. Nas suas diferentes repartições, entrega o Instituto, conforme disse, a capacidades de reconhecido merito, o encargo de estudar a fundo os diversos meios de combater os multiplos males, que, como se vê, assoberbam de vario modo a agricultura. Uma idéa sobremaneira altruista e de grande amor ao proximo domina e nobilita o Instituto.

N'elle as colonias dos diferentes paizes tem representação autonoma e independente e os seus delegados



Outros aspectos das salas de recepção e de reunião no palácio do Instituto Internacional de Agricultura

em outras épocas de maior belleza artistica, é certo, mas tambem de mais feroz egoismo e de mais odiantes luctas.

Quantas vezes, ao transpôr as alamedas que me encaminhavam para o Instituto Internacional, ia eu vendo e sentindo o poder immenso das coisas bellas, perduravel atravez dos seculos e das civilisações. E n'aquelle quadro evocador de idos tempos, n'aquelle paisagem austera de pinheiros e cyprestes, na qual a relva tenra pôe um sorriso de donzella e as estatuas brancas, as fontes cantantes, os lagos, os templos ficticios, fazem perpassar o sopro heroico da Grecia authentica e a galanteria gentil do seculo XVIII n'um mixto de sentimentos de arte que perturba, eu punha na minha imaginação quadros em que deslisavam com vivida semelhança pedaços da existencia de outr'ora.

Quantas vezes na Fontana d'Esculapio suppuz vêr reunidas em selecta sociedade damas solertes, talvez princezas, intrigando ou discutindo amor e molhando os labios carminados no puro

teem egueses directos áquelles enviados directamente pelos Estados.

N'esta terceira conferencia das nações se tratou do modo pratico de se poder levar a effeito o emprehendimento, assentando-se como principio geral e immutavel na egualdade dos Estados perante a sciencia e o labôr. Trabalhou-se com afincio tendo ficado elaborados e discutidos os estatutos cuja idéa dominante é a solidariedade entre as nações produzindo o bem estar agricola geral, pela diffusão pratica de conhecimentos baseados nas leis da sciencia.

Se na villa Borghese, por tantos motivos conhecida e admirada, a arte e a natureza nos encantam e prendem ao passado, o espirito novo, pacifico e fecundo, ali domina agora, trazido do mundo inteiro á instituição recente pelos representantes de todas as nações.

As estatuas da Grecia divina, os fustes em ruina, os porticos, os pequenos templos, o museu precioso, os seculares pinheiros mansos, fazem-nos pensar

A entrada de honra do palacio da villa Borghese

—Pavilhão lateral do palacio



arte, dispondo a verdura, talhando o cypreste ou levantando em columnatas elegantissimas um templo que reflectia nas mansas aguas d'uma lagôa as linhas impeccaveis que lhe dão a fôrma da sua construcção inspirada no antigo.

Ao entrar, porém, no Instituto, a vida nova, a força das idéas nobilissimas do nosso seculo varriam por completo do meu espirito os quadros evocados.

E a belleza moral, aspiração magnifica dos modernos tempos sedentos de verdade e de bem, subjugava a belleza artistica de outr'ora. Fazia-se em nosso espirito, instantaneamente, a synthese da civilização.

Em traços demasiado largos para darem a real impressão do que esta obra é, ahí

VICTOR EMANVEL III-REX-ITALIAE-ANNO-MCMXVII



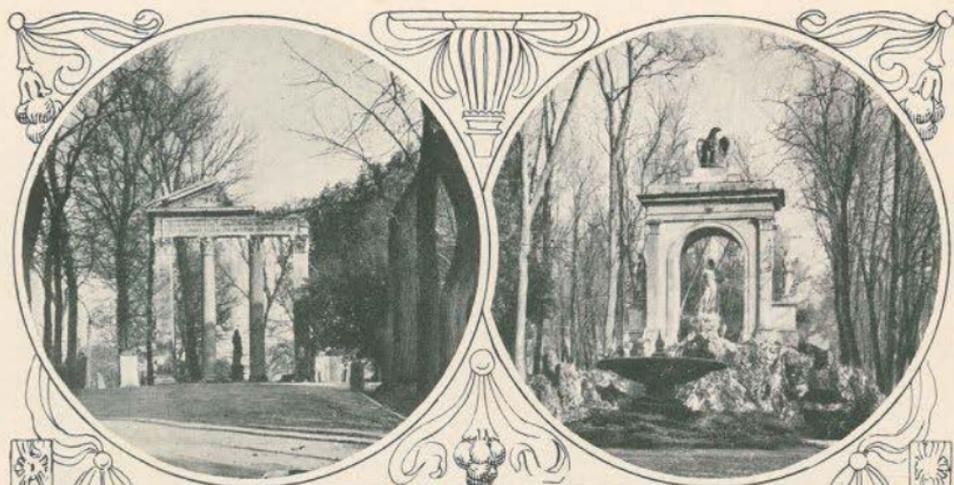
Falerno, que em taças de prata lhes offereciam pagens esbeltos.

Quantas vezes no fundo de escuro d'um cedro destaquei as rubras vestes de um cardeal erudito, preleccionando em frente do marmore d'uma estatua de imperador e a seu lado, em attitudo de humilde admiração, o joven artista seu predilecto.

A cada passo mudava a perspectiva e eu reconhecia em cada novo aspecto a



1—Villa Borghese: Casino Museu. 2—Os delegados e representantes das nações agricolas no congresso do Instituto Nacional de Agricultura, reunido em Roma no sumptuoso palacio da Villa Borghese. N'este grupo vem-se o ministro de Portugal em Roma, conselheiro Mathias de Carvalho, e D. Luiz de Castro, actual ministro das obras publicas. 3—Villa Borghese: Cascata.



fica um esquisso muito summario e apagado do Instituto Internacional de Agricultura. Tencionava consagrar-lhe completo estudo, na *Ilustração Portuguesa*, á qual me prendem laços de intensa sympathia intellectual e cordeal, mas o homem põe e... a politica dispõe, de modo que a absoluta falta de tempo, não é, n'este caso, um pretexto fútil mas uma verdade que ninguém contestará e me priva do sereno deleite de trabalhar um artigo no conchego do meu escriptorio, com tão agradável destino.

O mote virgiliano
**PACE CERES LAETA
 EST**
 sob a *loggia* da entrada
 do palacio e
**NON MODOARS SED
 ETIAM SCIENTIA**

na fachada oeste, lemmas que poderiam inscrever-se, se porventura não estão inscriptos já no limiar do seculo XX, indicam de sobra o intuito, na realidade soberbo do empreendimento do rei d'Italia e que todas as nações do mundo civilisado commecam a realizar n'este momento.

D. LUIZ DE CASTRO.

1—Villa Borghese: Uma aléa

2—A fonte de Esculapio

3—Praça de Siena

4—O lago

MUSA ALEMTEJANA

O CONDE DE MONSARAZ



O illustre poeta da *Musa Alemtejana*, sr. conde de Monsaraz
(Cliché de VIDAL E FOSSECA)

Figura do mais singular relêvo na literatura portugueza, o conde de Monsaraz é, pela elegancia castigada do estylo, pelo sabio colorido das suas evocações, pelo arranjo metuculoso dos seus quadros, o mais eminente dos poetas parnasianos da sua terra.

Ao bom poeta parnasiano, da escola de Leconte de Lisle e de Heredia, não basta a inspiração de uma lyra harmoniosa ou solemne. A sua arte, toda de erudição e de requinte, tem do theatro as exigencias objectivas da scenographia, do guarda-roupa e das attitudes. É uma arte de sumptuosidade e de complexidade. O que lhe falta por vezes em emoção compensa-o a contextura rigorosa do verso e o seu theatral poder evocativo. Em poesia, o parnasiano é um aristocrata, que põe na dependencia de um severo ritual as suas expansões lyricas e em cuja arte o cultivo da intelligencia sobreleva a sensibilidade do coração.

São essas proeminentes qualidades do parnasianismo, cultivadas por um temperamento excepcionalmente fidalgo na sua essencia, que dão á poesia lapidada do conde de Monsaraz a sua nobreza artistica e o integram na estirpe dos grandes poetas da sua escola.

O auctor da *Catharina de Athayde* pôz d'esta vez a sua musa heraldica ao serviço de um thema rustico; e não se vá suppôr que o poeta da *Bemvinda*, das *Mondadeiras*, das *Moças de Beucatel* e dos *Ciganos* deixou de ser, ao cantar as moças da lavoura, os amôres da Rosaria e as bellezas bucolicas dos campos, o mesmo mestre ritualista da elegancia. Evocadas pela sua lyra classica, como quando nos evocava o vulto austero e theatral da grande Catharina, as figuras campestres que perpassam nas paginas da *Musa Alemtejana* adquirem relêvos surprehendedentes, tal a animação colorida com que as desenha, as veste e as move o verso. O livro, todo elle, rescende assim a aromas campestros e attinge, dentro da mais inalteravel poesia, o maximo realismo, cujo poder flagrante de visão difficilmente um pintor egualaria.

Ao acaso, abrindo o livro, surgem-nos pequenos quadros d'esta perfeição modelar, que o olhar subitamente illustra e reconstrue:

*«As mondadeiras andam nas montas,
«De rego em rego, sempre a cantas,
«Froncos curvados, ancas redondas,
«Brazos rudiços e o peito ás ondas,
«Que não se quebram como as do mar.*

E este retrato admiravel da Rosaria da *Trogedia Rustica*:

*«É uma forte e guapa moçetona:
«Morena, trancas pretas,
«Olhos cõr de açucena,
«Trancos, sobre a bõca appetitosa,
«Negro par de captivas borboletas
«Quasi a poisar nas folhas d'uma rosa.*

*«Amplios quadris e os peitos,
«Fartos de andav sujeitos
«N'um comprido arfar,
«Lembram sob as rufinhãs cutubertas,
«Doas lèves elasticas, expertas
«E prestes a saltar!*

É do novo livro do grande poeta que pedimos licença para reproduzir a poesia *Os Ciganos*.

OS CIGANOS

Magros fantasmas da vida errante,
Quando elles surgem, perto ou distante,

De toda a parte se erguem clamores:
Rogam-lhes pragas os lavradores,

E contra o bando roto e esfaimado,
Ladram, investem os cães de gado.



Estas marchas lentas, estropeadas,
Aos solavancos pelas estradas,

Cheios de andrajos e de lizeira,
De monte em monte, de feira em feira,

Sob as faiscas do sol ardente,
Vão os ciganos, tranquillamente.

Vão em magotes, em caravanas,
Por entre as choças e as arribanas,

Pelas charnecas, pelos valados,
Olhos em fogo, rostos tismados.

Mas os ciganos são mais: matreiros,
Que os lavradores e que os rafeiros:

Raça dispersa de maltrapilhos,
Passam com bestas, fêmeas e filhos,

Supportam pragas, chufas, maus tratos,
Softrem insultos e desacatos,

Imploram, gemem, fingem-se doentes,
Têm artimanhas e expedientes,

Até que ao termo de taes canceiras,
A' sombra antiga das asinheiras,

Encontram sempre paz e repouso,
Sob a ampla benção do ceu piedoso.

E' dura a terra que vão pisando,
Sentem revoltas, de quando em quando,

Nas incertezas d'um rumo vario,
Contra as agruras do seu fadario...

N'uma penuria faminta e reles,
Olham os campos que não são d'elles,





Freccas alcumbras, nédias manadas,
Vinbedos, hortas, eiras pejadas,

Riqueza em barda, sorte ás mancheias
Abarrotando vidas alheias.

E, ó homem rico! rtu tem cautella,
Que a ciganagem não se rebella.

Contra o destino que é deshumano,
Sem te dar perdas ou causar damno.

Nunca lhes negues esmola e abrigo:
Senão, montados, medas de trigo,

Alpndres, choças, serras de palha,
Afóra o caso que Deus te valha,

Has-de vêr tudo, se os maltratares,
Lambido em chammás por esses ares.

E ovelhas, cabras, chibatos, anhos,
O melhor que haja nos teus rebanhos,

As tuas eguas, os teus cavallos,
Se te descuidas, hão-de roubal-os,

E hão-de vendel-os, raça embusteira,
De monte em monte, de feira em feira,

Almas sem crenças, que andaes á tóa,
Sem ter no mundo quem se condóa

Da vossa sorte rude e mesquinha,
Que ideal, que sonho vos encaminha?

Onde ides, almas desamparadas,
Almas penadas, pelas estradas,

Almas dispersas, almas errantes,
Em corpos toscos e extravagantes?

De que paizes do extremo oriente
Vindes trazidos pela corrente

Da mais sombria fatalidade?
Qual é, ciganos, a vossa idade?

Ninguem o sabe, nem vós sabeis
D'onde é que vindes e onde é que ireis.

Andaes aos tombos, aos solavancos
Pelas charnecas, pelos barrancos,

Incendiando, roubando, e quando
A morte ás vezes vos fór ceifando,

Tereis na terra paz e repouso,
Sob a ampla bênção do ceu piedoso!



VISÕES DE FIM DO MUNDO



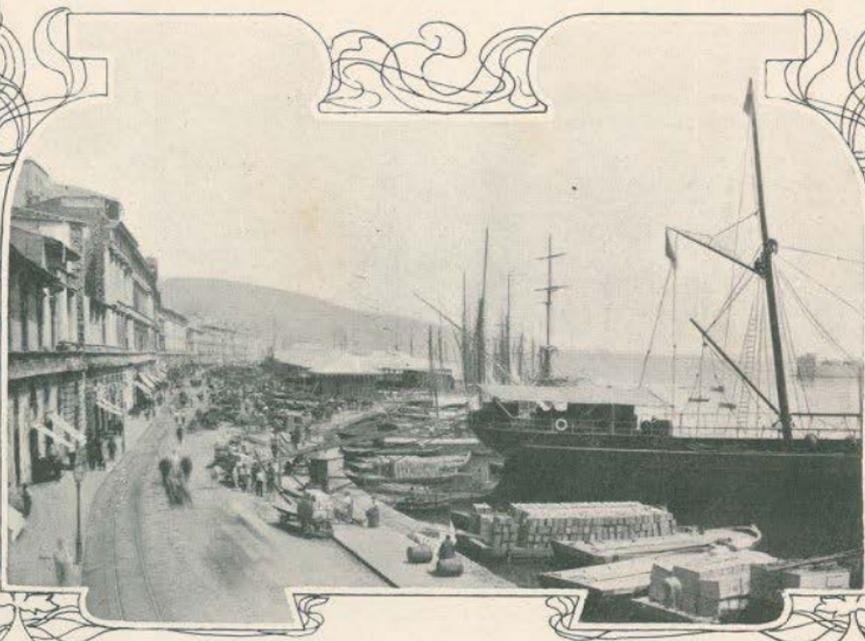
1 — VISTA DO CAES E PORTO DE MESSINA

Messina era depois de Palermo a cidade mais importante da Sicilia, e a photographia dá uma pequena idéa da exportação, de fructa sobretudo, especialmente laranja, que pelo seu porto se realisava.

N'este caes existia o hotel Trinacria, o principal hotel da cidade, que, como toda a correnteza de casas que se vê, desapareceu arrastado por uma onda que levou tudo.

2 — VISTA DO ESTREITO DE MESSINA, NO PONTO MAIS ESTREITO, DENOMINADO SCYLLA E CHARYBDES

Scylla é um ponto que ainda existe hoje assente sobre um rochedo e a lenda, dissolução da tradição classica, diz que as frageis embarcações d'outr'ora, quando lo-grassem escapar a Scylla e dobrar esse rochedo, eram engulidas por Charybdis, o redemoinhos que havia ahí e que com successivos terramotos foi desaparecendo.



A Illustração Portuguesa deve o offerecimento d'estas duas interessantes photographias á obsequiosa amabilidade, que vivamente agradece, do sr. Franz Burmester.



1—Em Reggio: Uma família que escapou, no meio das ruínas
2—Em Nápoles: Os navios e contrabandos desembarcando as pessoas salvas em Reggio e Messina
(Clichés de J. THEODORESCO)



A *Illustração* continúa reproduzindo, como promettera, os documentos graphicos relativos á pavorosa catastrophe do sul da Italia, que lhe vão sendo enviados pelos seus correspondentes photographicos, que n'este momento se encontram no theatro dos espan-

tosos desastres, que tão funda impressão de piedade teem despertado no mundo inteiro.

As condições especiaes em que a maior parte dos clichês, que publicamos, teem sido tirados, prejudicam naturalmente a nitidez de alguns. E' no meio de cidades em rui-



1—Vista de um bairro destruído em Reggio mostrando como de muitas casas apenas as paredes ficaram de pé

2—Chegada dos primeiros sobreviventes a Catania, denunciando na expressão do rosto o pavor que ainda não se desvanecera completamente

(Clichês de CHARLES DELUCA)



nas, onde o vento ainda não dissipou completamente o fumo dos incendios e onde os miasmas impregnam a atmosphaera, que os correspondentes photographicos se vêem forçados a trabalhar, luctando com todas as difficuldades e impedimentos que são facéis de suppôr. Não admira, pois, que certas provas sejam relativamente defeituosas. Trata-se, porém, de documentos unicos e excepcionaes, que não devem evidentemente perder-se, e assim o tem igualmente entendido todas as revistas illustradas estrangeiras, que, a exemplo da *Illustração Portuguesa*, estão reproduzindo, co-

mo os nossos leitores poderão verificar, as mesmas photographias que inserimos. A historia tragica d'essa serie terrivel de pavores, quasi sem paralelo na lembrança, só d'este modo poderá fazer-se completa. O espectáculo commovente dos horrores de Messina e de Reggio resalta bem mais impressivamente d'essas photographias do que de todas as descripções, por mais fics e pormenorizadas que possam escrever-as as testemunhas oculares de taes scenas estranhas. E tão grande é ainda o assombro que os proprios jornaes italianos, pela penna dos seus redactores, não



1—Uma vista de Reggio: a magnifica cidade que o terremoto destruiu
(Cliché DE CAMPARI E DIESA)
 2—A organização dos primeiros comboios na gare destruida
(Cliché DE CH. ABENIACAR)



1—Procurando os cadáveres sob as ruínas da caserna de Messina 2—Os sobreviventes acampam no caes e na praia, aguardando o embarque para Nápoles 3—Panorama geral de Messina 4—Os primeiros socorros: as tropas acabando de montar as barracas
5—O incendio obriga os sobreviventes a fugir 6—Acampamento improvisado: Uma família que ficou sem casa
(Clichés de J. THEODORASCO E CH. DEJOURS)



1—Procurando os cadáveres sob as ruínas da caserna de Messina 2—Os sobreviventes acampam no caes e na praia, aguardando o embarque para Nápoles 3—Panorama geral de Messina 4—Os primeiros socorros: as tropas acabando de montar as barracas
5—O incendio obriga os sobreviventes a fugir 6—Acampamento improvisado: Uma família que ficou sem casa
(Clichés de J. THEODORASCO E CH. DEJOURS)



publicaram até agora senão narrativas cortadas, feitas ainda da mesma forma tumultuária que desde a primeira hora accusa o espanto de que estão invadidos os olhos deante dos quaes se desenrola a contemplação medonha de uma terra inteira derrocada, de

uma população inteira, metade morta e outra metade asphyxiada, sedenta, esfomeada, abafada sob os escombros.

São verdadeiras visões do fim do mundo, as mais amarguradas de certo que a natureza, dura e inflexivel, n'uma das suas violentas



1—Uma vista de Messina, hoje transformada n'um informe montão de ruínas

(Cliché DE CAMPANI E DIENA)

2—A prisão de um ladrão que se aproveitava da desordem para roubar

(Cliché DE J. THEODORSCU)



1—Interior de um prédio derrocado

(Cliché DE CH. DELUS)

2—As ruínas da Repartição dos correios e telegraphos da Messina.

(Cliché DE A. THROBOMERCO)

revoltas contra o homem, pode oferecer, e que nenhuma imaginação, por mais demente e torturada, seria capaz de conceber. Nem as espantosas e tremendas pinturas do inferno dantesco podem comparar-se a semelhante espectáculo de inominado e invenível terror.

E' legitimo, por isso, o immenso movimento geral de commiserção que percorreu o mundo inteiro. Em toda a parte as noticias terribes da catastrophe italiana despertaram a mesma impressão dolorosa. Mas em Lisboa essa impressão triste accentuou-se talvez mais, pela evocação, que ella suggeriu ao nosso espirito, de uma provação igual por que nós passámos já. Assim, a nossa dôr e a nossa commoção são naturalmente mais vehemente e intensa.





O BANDO PRECATORIO DOS BÔMBEIROS



A MYTHOLOGIA AFRICANA

tiva, cuja perspectiva se perde para nós n'uma especie de nuvem vaga, de linhas e contornos indefinidos, não podemos sabel-o. Seria a crença primordial nos espiritos errantes, que effectivamente se encontra enraizada tão fundo quando se cava no solo historico? Seria o totemismo, que ainda hoje se encontra vicejando entre algumas tribus selvagens e que tão indiscutíveis sobrevivencias nos mostra tambem entre os povos civilizados? Quem poderá dizel-o com segurança!

A' volta d'essa fôrma religiosa inicial desenvolve-se, porém, dentro em breve, uma verdadeira floresta theogonica. O polytheismo, n'uma espantosa proliferação mythica, povôa de deuses numerosos, que são quasi sempre transcendentés symbols, todos os pantheons. Assistimos a uma floração luxuriante no ceu das divindades. E' o Egypto que nos offerece, talvez, o exemplo mais frisante. Os seus

1—O deus que é invocado para livrar da escravatura
2—Idolo de Cabinda

Nunca o espirito humano, na sua evolução grandiosa desde o mais longinquo desconhecido dos tempos em que o homem apparecendo sobre o globo emprehe a sua dura e lenta conquista, attingiu decerto a uma mais alta concepção creadora do que no momento verdadeiramente solemne em que organisou a primeira religião. A invenção das armas de caça e de pesca talhadas na pedra, mais tarde a construção da casa lacustre, depois a utilização dos metaes, todos esses factos que constituem as phases successivas do desenvolvimento da civilização, revelam seguramente o admiravel poder creador da intelligência do homem desde o recondito passado. As curiosas esculturas, gravuras e até pinturas dos artistas paleolithicos provam, mesmo, que o habitante da Europa Occidental na idade da renna possuia já um elevado e desenvolvido sentimento esthetico. O que é tudo isso, porém, comparado á grande obra imaginativa da criação dos deuses e ao maravilhoso trabalho da formação do seu culto? Nada. E' só pela concepção religiosa que o homem se eleva verdadeiramente, pela primeira vez, á pura esphera do idealismo.

O que foi essa religião primi-

deuses não só se multiplicam com uma extraordinaria facilidade, como tambem soffrem todas as metamorphoses possíveis e imaginarias, mostrando-se assim sob variadas feições aos seus adoradores, algumas vezes até incarnados em animaes. Cada cidade tem o seu deus proprio, mas o Egypto adopta ainda deuses estrangeiros, taes como Shehahidi, de origem lybica, ou Baäl, de origem semita. E' uma confusão inextricavel.

Os theologos de Heliopolis principiam, comtudo, a fazer ordem dentro dos templos egypcios, inteiramente pejadoss por esse batalhão tumultuario de deu-





Um manipiço do Congo, com o vestuário dos derviches

da criação dos deuses e da evolução religiosa da humanidade! Nenhum outro capitulo de historia pôde revestir um tão singular interesse.

Mas não morreram ainda, — nem provavelmente morrerão jámais, — todos os deuses dos velhos pantheons primitivos. Alguns limitaram-se a mudar de nome, conservando plenamente a sua inicial representação symbolica, porém. Outros, por um phenomeno de sincretismo, de que todos os especialistas da sciencia comparada das religiões conhecem a vulgaridade, fundiram-se humildemente em nobres figuras christãs. E os maiores, porque eram mais recentes, essas grandes e foi-

ses. Por toda a parte, de resto, começa a desenhar-se um movimento conducente á noção superior da unidade divina. Finalmente o povo de Israel, elevando-se acima de todos os sistemas religiosos da antiguidade, fabrica esse perfeito monotheismo, que representa o mais glorioso titulo da sua grandeza.

Que estranho e soberbo espectáculo este

mosas abstracções pantheistas da mythologia greco-romana, esses persistem na arte e na litteratura, gloriosos, triumphantes, viventes, — como creações tão superiormente idealizadas, tão divinamente aventadas, tão flagrantemente veridicas, que é pena, — oh! que nefasta pena! — serem objectivamente mentirosas.

Era-se bem mais descuidado e feliz no tempo d'esses deuses terríveis, perversos, deshumanos, mas tambem por vezes alegres e amoráveis, como esse santo Pan, em cujos bosques sagrados o paganismo engendrou a mais delicada trama da alegria de viver, concebendo as bellas legendas do amor e do prazer, tão puras na sua innocencia primitiva, e que eram, então, a principal razão de suportar-se o castigo da vida, imposto pela Fatalidade do theatro grego. Ah! nunca mais, por desgraça, as rosas da primavera quasi perenne da Hellada refflorirão viçosas para os nossos olhos obscurecidos por tantos espectaculos de tristeza! N'es-



Os deuses da Dança (manipiços do Congo)

ta epoca pallida, envenenada por uma tão dolorosa angustia de ideal, são os botões que não chegam a com-



pletar a sua eclosão, da roseira expiatoria da Porciuncula, que nem sequer se etherizam em um perfume, — brutal corporisação mystica, na flor mais luxuriosa, da mais esteril e incomprehensivel das abnegações! — que nos oferecem aos olhos, avidos de luz, de cor e de aroma. Que tristeza a d'este tempo em que vivemos, — que não serve para amar, nem para viver!

E' inutil, contudo, que nos percamos a philosophar sobre as coisas irremediaveis. Os velhos deuses morreram, e os que mais perderam com a sua morte desastrosa foram os que mais cruelmente lhes ridicularisaram o enterro. Os velhos deuses enterrados, — enterrados até materialmente, por cumulo de sacrilegio, nas incomparaveis estatuas de ouro e marmore em que os grandes artistas gregos os tinham anthropomorphisado — estão, de resto, vingados, — oh! bem vingados! — por este fundo tedio espirital, por este desalento geral, que perverteu as sociedades contemporaneas, que as atacam e dessoram em todas as suas mais nobres fontes de vida.

E, para peor desdita, foram os velhos deuses, productos das civilizações requintadas do Egypto e da Grecia, os que morreram. Foi Osiris; foi Apollo. Outros, que os tinham precedido, os feitiços grosseiros do primeiro periodo imagetico, os pobres e rudes idolos feitos pelo homem á sua imagem e semelhança, em um ramo de arvore toscamente afeiçoado; esses, que parece deveriam ter sido os primeiros sacrificados, sobreviveram pelo contrario, mysteriosamente guardados na tradição inquebrantavel dos povos africanos, que as indocilidades do clima e a sua intuitiva desconfiança defenderam até ainda ha pouco contra o barbaro assalto d'esta chamada civilisação e d'este chamado progresso, que tantas vezes representam, sem risco de vida, uma característica evolução regressiva.

Os manipanços e os feitiços do preto, para seu doce e inoffensivo conforto quando a ambição dura e absorvente do europeu o acossa nas suas terras e o persegue nos seus costumes, continuam, por isso, a persistir, rodeados do mesmo culto, que torna felizes os seus adoradores, e que aos pobres idolos — quem sabe? — talvez agrade tambem.

Quando se percorrem as memorias e as relações dos viajantes, que tem atravessado as mysteriosas regiões do interior do continente africano, são, na maior parte, bem escassas as noticias que se encontram a respeito da religião das raças simples e primitivas que o povoam. A muitos, a quem custa confessar a propria ignorancia, ouve-se mesmo a allegação graciosa de que é a consciencia do selvagem que não possui uma noção clara e certa do seu deus. Quem a teria então desde que a não tem elle, que o serve e o adora? Não. Parece que o preto,

simplesmente, desconfia do forasteiro, e por isso não lhe abre as portas do seu santuario. O que tem, de resto, que ver com isso o profano, — o branco, que só lhe levou a escravidao, a guerra e mais toda a casta de males? São por isso, bem pou-



O deus da Justiça. (manipançaço do Congo)



O deus do Casamento. (manipançaço do Congo)

cos os livros que contem informações exactas e certas sobre as actuaes religiões africanas, sobre os seus deuses, sobre as suas cerimonias cultuaes.





1—Ídolo do Congo
2—Mabiala feito do Congo

lientes, os lábios são sempre grossos, o nariz inevitavelmente achatado. O preto fez o muquiche á sua imagem e semelhança, do mesmo modo que o branco fez também o seu santo. Quasi sempre dos olhos escorrem laivos de tinta branca, que são lagrimas, «porque o deus está sempre a chorar quando não faz mal», e no ventre existe um relicario, fechado por um vidro ou por uma palheta de mica, que contém os *milongos*, — os remedios, as substancias que, afinal, constituem a verdadeira natureza do idolo. Assim os mostram as photographias, reproduzidas do natural, que acom-

Mas quem quizer vêr como o bom manipanço sobrevive, glorioso, imperecível, immortal, pôde ir vê-lo na propria madeira da floresta tropical em que são esculpturados, ali na interessante collecção ethnographica da nossa Sociedade de Geographia. As engraçadas e comicas figuras dos respeitaveis deuses negros! São obra grosseira de um deseducado e espontaneo artista primitivo, imagens á primeira vista ridiculas; mas que não deixam de corresponder a um ideal esthetico, e que nos traços physionomicos de alguns, rogeio particular de cada, denunciam muitas vezes uma apropriação flagrante e sincera. Tocos os rostos tem os malaras sa-

panham este artigo.

O preto prosterma-se diante do seu manipanço impetrando-lhe o que deseja, e, para que a prece não seja esquecida, a fim de avivar-lhe a lembrança do seu requerimento espeta-lhe um prego no corpo. Tres dos nossos exemplares estão positivamente cravejados, especialmente o deus do Casamento, que entre as pretas também ha tantas com desejo de casar como entre as bran-



3—Feitiço mango de Cabinda (Clichés de SEVES E BELLO)



cas que se apegam, por cá, com o nosso S. Gonçalo.

Um auctor portuguez que visitou o Congo, referindo-se a este uso, escreve: «O idolo Mancaca, bem como outros antigos que tenho visto, tem espetados além de pregos fabricados na Europa, antigas hastes de ferro evidentemente forjadas pelos indigenas com fórma mais ou menos semelhante á lamina d'um punhal ou faca. A substituição d'estes punhaes pelo nosso prego mostra bem quanto os povos cacongos estão desejosos de introduzir os aspectos da nossa civilização. A religião, essencialmente conservadora como é, não pôde resistir a este desejo, que ja se vae manifestando em tudo». E por isso se irá também como as outras.





O MAR E A SERRA DA ARRABIDA

DE SETUBAL AO PORTO
DA ARRABIDA. A
TORRE DO OUTÃO. ASPECTOS E IMPRES-
SÕES DO MAR. TERRA
DE PESCADORES. PRAIAS E COSTAS. TY-
POS DE PESCADORES NA
SERRA DA ARRABIDA: O
CONVENTO, LAPAS E ATALHOS,
O ALTO DO FORMOSINHO

5 de junho

De Setubal ao Porto da Arrábida, marginando a bahia do Sado, estende-se uma costa pedregosa e alta, animada de longe a longe por um casal e extensa de mais de duas leguas. A meio caminho, a torre do Outão, cujas muralhas cáem a pique sobre as ondas, ergue as suas ameias pacíficas, d'onde se debruçam os pequenitos do sanatorio. Ligam Setubal á torre por uma linda estrada aberta a meia encosta e varrida pelas aragens do mar—estrada que, segundo é voz corrente, fez a fortuna de tres empreiteiros.

Quando se parte de Setubal, passada a linha marginal das construcções das fabricas, vêem-se, espalhados irregularmente pelas colinas escarpadas, o castello de S. Filippe, ao alto; o forte de Albarquel, mais aedeante, ao rez de agua; e longe, entre verdura, eminente ao mar e a um valle ensombrado e fresco, a casa da Commenda, com as suas largas varandas de pedra abertas sobre as ondas. O panorama, para a esquerda, é muito largo: um horizonte d'agua, de terras rasas, areas



Vista geral da Arrábida
—Um pescador local

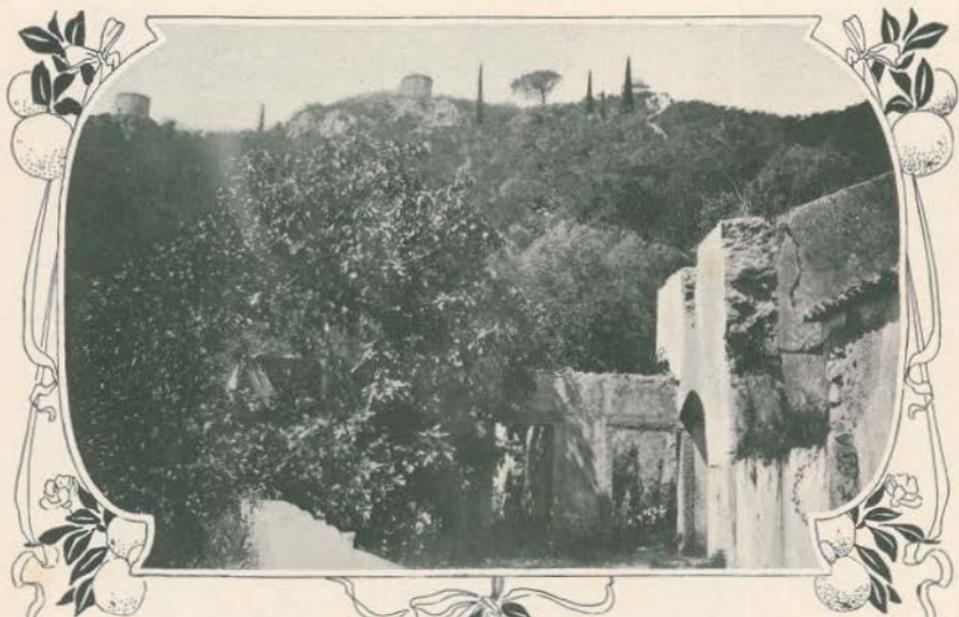
que as enchentes cobrem e longes indecisos de montanhas.

A bahia só com vento rijo se encraspa e faz dansar os flancos das barcas. Nas calmarias de verão é um espelho luzente, arripiado de leve pelo bafio de brisas tenues ou por correntes plácidas. Vélas brancas, alguns vapores de carga cortam vagarosamente o caminho da barra. Já nas alturas de Outão se accentuam, sobre o dorso do Oceano, os rolos grossos e lentos das vagas. Sopra um vento rijo, ou do mar ou da serra. E a encosta crispada de rochas, deserta e árida, mal coberta de tojo e estevas, apruma,

sobre as enseadas e os cabos, uma vertente aggressiva e rude.

Atalhos escorregadios sóm-se pelos pendores da serra. Os penedos rompem o solo argiloso, como ossos d'um corpo descarnado. E a linha d'agua encurva-se por angras e promontorios, bordados de espumas e de baixios negros.

Atraz de uma fila de praias, meio encoberto pela pedra da Anicha, o Portinho da Arrábida estende, quasi ao nivel das vagas, uma enfiada de casas humildes. O arvoredo é raro.



Arrabida: Ruínas

da Porta do Carro

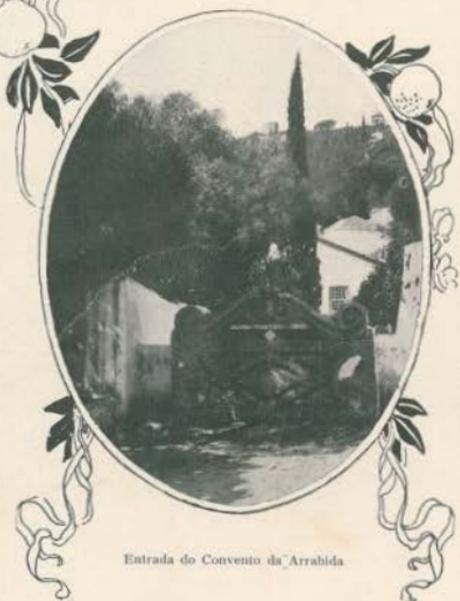
Ha meia duzia de barcas encalhadas no areal, onde os homens dos círcos e das armações concertam as redes.

A grande riqueza de Setubal é a exportação de conservas de peixe. Todas as manhãs, desde Cezimbra até ao cabo Sines, partem as barcas, aprofando á bahia, para chegarem cedo ao mercado. Vêm os chavecos humildes dos mestres pobres que vão, com dois homens e um grumete, lançar as redes para o mar alto — e as barcas, carregadas até aos bancos, dos grandes armadores. Mai rompe o dia, quando o vento é fresco, um alvoroçado bando de velas arrasta-as aos galgões, encostando-lhes a borda sobre a agua, como no entusiasmo d'uma regata. Fóra o homem do leme todos trabalham na escolha do peixe que, sendo meudo, incorre em multas pesadas. Os corpos luzidios e duros das cavallinhas escorregam mollemente nos dedos humedecidos, roçando de leve, uns sobre os outros, sem ruido, ao cairem no montão que atulha o fundo das barcas.

A pesca em larga escala faz-se com armações—tendo logar permanente—ou com círcos—que lançam n'um sitio, durante dias, as rédes, e as levantam para irem mais longe explorar outras aguas. A's vezes, alongando os olhos d'uma eminencia da Arrabida, avistam-se pela bahia fóra, até aos confins da barra e ainda mais para além, grupos de barcos cujas companhas trabalham valentemente na faina das pescarias. A' distancia, o estendal negro lembra um carreiro de formigas.

A serra, no tempo dos frades franciscanos, que n'ella levavam vida contemplativa e de asperas penitencias, era um encanto de frescor e abundancia, que as aguas beneficentemente regavam e as arvores de sombra abrigavam de inclemencias. Os regatos diligentes alagavam, espraiaendo-se, as pradarias verdes. E o halito salgado e rude do mar não mirrava os trigoas e os milhos.

A pouco e pouco devastaram, abtendo e incendiando, as mattas e os vergeis. No sólo estéril, só se arrastam os caules lenhosos e seccos das urzes e das estevas. Um bafo calido e sadio varre as encostas pedregosas. E, desde o amanhecer até á tarde, as cigarras fazem palpar as moitas com o seu estridor intermitente.



Entrada do Convento da Arrabida

Um momento suppon-se que, desde Setubal até ao Porto da Arrabida, se estenderia, em poucos annos, uma linha de construcções marginaes, chalets de luxo e vivendas formosas, em volta dos quaes iriam tomando vulto povoações de recreio e de repouso. Viriam a finança e a aristocracia semear o seu oiro fecundo, transformando a encosta inutil em uma admiravel estação maritima, que só teria rivaes na margem do Tejo, de Lisboa a Cascaes, e na margem do Douro, do Porto a Leça da Palmeira.—Foi quando D. Carlos, entusiasmado com a belleza do panorama de Outão, fez transformar e embelezar a Torre.

Ficaram famosas essas obras, e a estrada, e os empreiteiros, e os ministros e o que sobre ellas e elles se escreveu, em jornaes e pamphletos.

A esse tempo Junqueiro publicou o *Finis Patriae*, fazendo falar os hospitaes, os tumulos, os guerreiros mortos, as vozes dos humildes e as glorias antigas. O canto final mostrava, no mysterio da noite, junto ao clamor do oceano, as janellas flammejantes, largamente abertas sobre a treva, de um palacio em que soavam gargalhadas e um tinir argentino de taças...

Esse palacio era a Torre do Outão. A imprensa, o paiz inteiro murmuravam igualmente dos desperdicios feitos. Por isso, tempos depois, a vivenda real foi transformada em sanatorio. Sairam os cortezaos e entram as irmãs de caridade e os pequenitos, que acenam e gritam alegremente para os barcos. Os marinheiros sorriem, o patrão descobre-se com respeito e a irmã, que na praia vigia as creanças, in-



Portinho da Arrabida: Desembarque do cirio

clina gravemente a cabeça. A bordo vão todos falando com sympathia e enternecimento d'esses pobres enfadados, que muitas vezes saem curados, do sanatorio, para a sua vida de miseria, e voltam, tempos depois, novamente doentes e enfraquecidos.



Como ainda não se realisou esse plano de transformar a serra da Arrabida n'um esplendido e grandioso Mont'Estoril, pelos atalhos perigosos dos montes só se aventuram alguns pescadores, por necessidade, e alguns *touristes*, por gosto. N'uma tarde chuvosa, de lodações e ventania, abalançamo-nos, eu e um companheiro, á aventura d'essas tres más leguas. Até Outão, só o vento nos retardava, em rajadas vindas do mar picado, sacudindo as arvores, gemendo pelas ramarias. Toda a estrada, mesmo em dias de céu nublado, é lindissima, pelos valles de arvoredo copado que atravessa, e sobretudo pela voz do



Setubal: Ponte da Ajuda

mar, pela luz do mar, pela atmosphera purissima do mar, que do sopé das collinas se alonga até á linha distante do horizonte.

Para além de Outão, a meia encosta, ha apenas uma vereda da largura d'um palmo, escorregadia e irregular, caindo a pique sobre as ondas. Visto assim de perto, o dorso da serra é aggressivo e sinistro. Os arbustos de folhagens duras enfeitam severamente as fendas dos rochedos e a terra vermelha das vertentes. Em baixo, a vinte ou trinta metros, o mar vem bater nos areaes macios e nos pedregalhos escuros.

Mas o panno de montanhas vae-se afastando e uma planura estreita circunda as aguas do porto. Dominam os ventos da serra, cujas rajadas arpejam a espelhenta e tranquilla dormencia do mar. Raras vezes as ondas se levantam dentro da angra. O salva-vidas, em dias de temporal, vae lá baixo, á barra, ao encontro das barcas desgarradas.

No verão, nas horas de calma e de silencio, á luz rutilante dos meio-dias, uma paz tristissima de deserto adormece a vida do logarejo. Os homens concertam as redes. Os barcos beijam de leve a agua, n'um balouço suave. E, pela serra acima, as oliveiras cinzentas dão uma sombra magra ao chão requemido das estevas.

A vida aqui é d'uma monotonia ao mesmo tempo saudavel e melancolica. Não ha distracções. A existencia é possivel pela amabilidade de um homem — o sr. Frederico Fernandes — cuja historia como doente é celebre em Setubal e mesmo entre os lentes da Escola Medica de Lisboa.

Aos dezoito annos, sentindo-se fraco, aconselham-n'o a vir viver algum tempo para o Portinho da Arrabida. Assim fez e, melhorando depressa, enrijou e voltou para a sua terra, creio que Azeitão. Novas ameaças de doença, nova cura de ares. A cada saida para longe da



Vista do convento da Arrabida tirada do Senhor dos Afflictos

atmosphera abençoada, voltavam-lhe o enfraquecimento e a febre. — Decidiu-se por fim a viver aqui. Estabelece armações; cultiva vinhedos, trigoas, pomares e milho; faz o vinho e o azeite que bebe, tem o bondoso ar de um patriarcha amavel, em meio das tres duzias de homens que tripulam os seus barcos e vão para o mar, á aventura dos temporaes e das pescas.

Vive ha quarenta annos aqui. Levanta-se ao nascer do sol e trabalha o dia todo, vigiando e dirigindo os trabalhos de terra e do mar. Vou enconral-o ás vezes, sentado na sua cadeira de vimes, á porta de casa, ou fóra, nos bancos de madeira, encostados á parede e voltados para o mar. Dá-nos o escaler, a mim e ao meu companheiro, para irmos remar e nadar nas praias proximas. E, á tarde, quando a noite desce, conta-nos episodios da sua vida, coisas que elle viu e já passaram, homens que conheceu, desgraças a que assistiu — quando saia da imperturbavel paz d'este logarejo para as ancias e agitações do mundo.

A maior parte dos pescadores veiu das praias do norte, cêrca de Aveiro, outros do Algarve. Ganham quatorze vintens por dia, cabe-lhes quinze por cento na venda e, quando as barcas teem que ir ao mercado de Setubal, vão tres marinheiros á *lota*: enchem um canastrão de peixe, até dois palmos acima da bôrda, e o que render na venda é para os tres.

Na casa do Calhau, cujos quatorze metros sobre o mar as ondas galgam, em dias de temporal, desfazendo-lhe o vigamento do tecto, dormem os que andam na armação e de noite levantam as rêdes. E' uma rude faina, essa, — sobretudo com tempo de ventania e de vaga, — a que o negrume do céu e do oceano dá um



A fachada do convento



aspecto confusamente apavorador de naufragio, cortado de chamamentos, de gritos, de melopéas melancólicas, semelhando os desesperos e as angustias d'uma catastrophe marítima.

Se a pesca foi boa, mal atulham o fundo das barcas, largam logo para a bahia, indo-lhe ao encontro o barco a petroleo, para as rebocar.

Das manhãs de viagem ficar-me-hão saudáveis recordações de ceus alvacentos e ennevoados, quando o sol começa a tingir de leve o oriente illuminado e as aragens do mar largo arpejam o dorso das ondas. Uma frialdade agradável, de madrugadas estivaes, refresca a atmosphera. Nevoeiros esfarpados esgaçam-se pelas encostas da serra. As gaviotas, brancas nos bulcões escuros, negras no ceu radiante, vôm em bandos, fluctuam nas vagas que as embalam e piam de gula quando os homens lançam ao mar o peixe miúdo dos barcos.

Pelo pendor da serra descem as capelinhas. O convento branqueja no matto escuro. Os picos emergem das nevoas. E, para o lado opposto, o mar arqueja, sob as nortadas traiçoeriras. Mas ha dias d'uma paz inalteravel, um

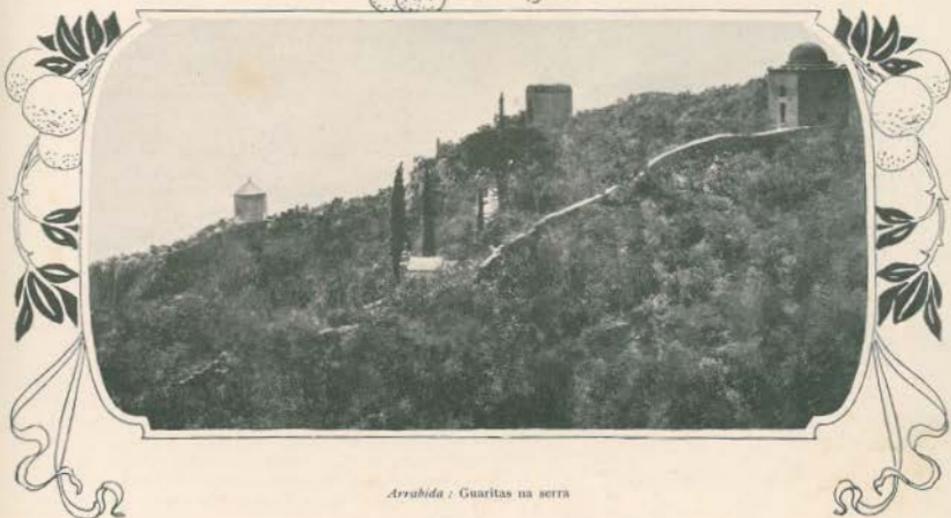
mar de oleo que a prôa turba de leves espumas, cortando a cêba em que o leme se enrodiha e embaraça. Debruçados da borda, vêmos a vinte metros o fundo de algas ou de areia. E longe, na atmosphera d'uma transparencia purissima, a pedra da Anicha, reluzente e nitida, lembra um enorme chapéu de dois bicos, pousado sobre as aguas.

O convento fica a uma meia hora do Porto da Arrabida e o Alto do Formosinho a uns tres quartos de hora do convento. Vamos aproveitar esta manhã fresca e sem nevoas, para

trepar a serra e procurar os amplos panoramas de mar, de montanhas e planicies.

Pelos atalhos pedregosos, a cada momento o panorama torna-se mais amplo e o horizonte de mar mais vasto. O dorso da serra, até perto do convento, é egualmente arido, mal coberto por estevas e urzes. Mas, de repente, uma frescura d'oasis circula nas ramarias de algumas centenas de arvores, que ladeiam o caminho e vestem as ribanceiras precipitosas. São os restos do antigo arvoredado que fazia um paraizo d'essas encostas agora estêreis e inuteis sob os soes implacaveis dos estios. Seccou-se a agua, quasi se calaram os ninhos. As proprias cabras tem que trepar ladeiras sobre ladeiras, para encontrarem pascigos.

O convento é triste, e, meio arruinado, tem os corredores à chuva e as paredes rachadas e humidas. A' entrada, na parede branca, o vulto escuro de S. Martinho abre os braços crucificados, sob a imagem pequenina de Nossa Senhora. Dentro, n'um recanto em trevas, tres figuras de frades, pintados em azulejos, alongam os seus



Arrabida : Guaritas na serra



Vista geral do convento

tirada do nascente

corpos, magros de penitencias e jejuns que estas palavras recordavam aos monges, como exemplo:

«Estes Retratos sam de tres religiosos veneraveis & illustres contemplativos q. viveram nesta casa Muitos annos vida admiravel & rara, assim no aspero da pœnitencia, como no mais exercicio das virtudes,

em q. muito floresceram: morrendo para as cousas da terra, tendo seo trato só com as do ceo, emq. tanto a Deus agradarão e ás creaturas, q. as mesmas feras della serra se lhes rendiam obedientes: aos quaes D. N. S. em vida e em morte honrou com grandes favores».

Os tres religiosos veneraveis são frei Agostinho da Cruz, frei Diogo dos Anios e frei Francisco dos Reis.

Encosta acima, a linha das capellas perde-se nas nuvens, pelos cimos azues. Para a direita, a Matta do Solitario alarga o seu abençoado estendal de frescas folhagens. E, de resto, ao redor, quasi tudo é rocha, urze, estevas, terra infecunda.

No atalho que leva ao Aito do Formosinho, ha matto rompendo asperamente d'um solo em pedregulho. A ladeira é violenta, os ramos chicoteam a cara, e o caminho foge dos pés, no rolar pesado dos calhaus. O olhar, no panorama cada vez mais vasto, abarca leguas.

Toda a serrania está escavada de furnas e grutas. Ao rez d'agua, abrem-se a Lapa dos Morcegos e a Lapa de Santa Margarida, onde ha capella e pulpito; a meio da serra a Lapa do Medico, estreita, caindo quasi a pique, com st'actites maravilhosas; e continuamente, pelos caminhos mais desviados, se escancaram bocas negras, de cavernas.

D'este lado da serra são mais raros os rebanhos, porque, no solo nú e sequioso, as rezes morreriam á mingua d'agua e de pastagens. Só uma vez por anno, em dia de S. Pedro ou de S. João, os pastores levam o rebanho ao mar, afocinham os chibos e as cabras, na agua salgada, abrem-lhes os lobinhos e sangram-nos.

Que linda devia ser esta serra, quando D. João V vinha caçar os ultimos javardos, refazendo-se dos braços da madre Paula, e almoçando á sombra do



Caminho do convento



grande castanheiro, na clareira fresca onde ha meia hora comemos os frangões assados e os queijos de Azeitão, e bebemos o vinho, tão leve e brando, tão agradavelmente acidulado, do patrão João, de Setubal!

Arvoredos e vinhas sumiram-se. O proprio matto parece requemado. E, quando chegamos ao alto do Formosinho, mais desolador se afigura o espinhaço pellado e pedregoso, hirsuto e recortado de quebradas abruptas, da serrania alcantilada e triste.

Mas o panorama é magnifico, mais grandioso que o do Bussaco e o de Cintra. Avistam-se Setubal, Lisboa, Santarem e, nos dias limpidos, Beja. Duas bahias: a do Sado e a do Tejo. Pelos valles fundos, povoações que parece caberiam na palma da mão. De um lado um horizonte de montanhas baixas, afogadas, á distancia de leguas, em nevoeiros tenues; do outro o mar, bordejando a costa desde Sines até Cascaes, recebendo as aguas do Sado, encurvando-se no cabo Espichel, avançando nas marés cheias, pelo estuario do Tejo, e indo perder-se ao longe, n'um horizonte que confunde a linha de agua com o bôrdo do céu, tão larga e maravilhosamente se abre esta paizagem amplissima.

Encostados ao marco geodésico, contra o qual o fragor da ventania nunca se cansa, nos dias claros este mal esboçado panorama vae-se detalhando, com surpresas. Um binoculo bom alcança o Terreiro do Paço, de que nos separam seis leguas. Faisca o envidraçamento d'um pharol, uma cupula de zimbório, uma claraboia enorme e altissima. E as terreolas suburbanas da margem esquerda vão avultando, á beira d'agua ou entre arvoredos e campos cultivados: Cacilhas, Alfeite, Pinhal Novo, Azeitão...

Nos dois rios, na bahia do Sado e no estuário do Tejo, como na vastidão tranquilla do Atlantico, os buques e as barcas dos círcos e das armações, as vélas brancas dos escaléres e dos hiates, o bojo escuro dos paquetes e o alto velame dos navios de

carga, lembram barquinhos de papel, immoveis n'um tanque, á mercê d'uma creança...

Ha quantos milhares d'annos estes montes e estas aguas avultam e se espraíam n'este horizonte immenso? E quantos milhares d'annos ainda, quando ha muito se tiver sumido o nosso pó no lodo amargo da terra, se erguerão os mesmos montes e correrão para o mar as mesmas aguas?

1908

LUIS DA CAMARA REYS.



Um aspecto do porto
— Castello de S. Philippe
(CLHIBES DA CARA SUEDES E SARAVIA
E JOÃO CARLOS, DE SETUBAL).

UMA RECITA DE AMADORES EM D. MARIA



1—A scena final de *El Santo de la Izidra*

2—Grupo dos amadores que tomarão parte na recita

Nas noites de 4 e 5 de janeiro realizaram-se, no theatro de D. Maria, duas recitas, promovidas por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, em beneficio das Officinas de S. José, a benemerita instituição caritativa e educadora que tão relevantes serviços presta.

Além dos coros graciosos e afinadíssimos, representaram-se a comedia *Le français tel qu'on le parle* e a zarzuela *El Santo de la Izidra*, senão todos os interpretes de ambas merecida e entusiasticamente applaudidos pela distincta assistencia.

